



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARIA FERNANDA PORTUGAL DOS SANTOS

**A INVISIBILIDADE DO PENSAMENTO DE ALBERTO GUERREIRO RAMOS
NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

MARIA FERNANDA PORTUGAL DOS SANTOS

**A INVISIBILIDADE DO PENSAMENTO DE ALBERTO GUERREIRO RAMOS
NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, como exigência para obtenção da
graduação de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

MARIA FERNANDA PORTUGAL DOS SANTOS

**A INVISIBILIDADE DO PENSAMENTO DE ALBERTO GUERREIRO RAMOS
NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS**

Projeto de pesquisa apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Aprovado em: 09/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Layla Daniele Pedreira de Carvalho

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho aos que acreditaram em mim: minha mãe, meu irmão, que sempre me incentivou, minha filha e todas as pessoas da minha família.

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, minha orientadora que me ajudou bastante e que me deu forças, principalmente neste momento que estamos enfrentando com essa pandemia. Agradeço também aos que não acreditavam que seria capaz de chegar onde estou.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS	8
2.1	OBJETIVO GERAL	8
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3	JUSTIFICATIVA	8
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
5	METODOLOGIA	13
6	CRONOGRAMA	14
	REFERÊNCIAS	15

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, alguns fatos e contribuições de pessoas importantes da época foram negados, principalmente quando estas eram pessoas negras que abordavam questões relacionadas ao racismo. Uma destas pessoas é o brasileiro Alberto Guerreiro Ramos. Nascido em 13 de setembro de 1915, em Santo Amaro da Purificação, Bahia, Guerreiro Ramos foi um sociólogo e político descendente de africanos, intelectual e escritor de grandes obras. Seu primeiro trabalho como escritor foi um livro de poesias, mas ele também escreveu obras importantíssimas para a Sociologia brasileira, como *Introdução Crítica a Sociologia Brasileira*, em 1957, e *Mito e Verdade da Revolução*, em 1963, texto que foi chamado de "O livro proibido", pois foi impedido de ser comercializado. Nele, o autor faz críticas ao socialismo, ao governo, fala sobre a ditadura e os golpes militares. Mesmo sendo um grande pensador, Ramos precisou se deslocar forçosamente para fora do Brasil para gozar de reconhecimento como intelectual de grande importância. Devido ao vasto trabalho realizado por Ramos, por sua obra ser pouco conhecida no Brasil, inclusive na sua cidade natal, Santo Amaro da Purificação/BA, e por também ter nascido nesta cidade, considero importante conhecermos a obra de Alberto Guerreiro Ramos. Com este projeto, me proponho a analisar a contribuição de Guerreiro Ramos para o pensamento social brasileiro.

Guerreiro Ramos, dentre as muitas coisas que escreveu, falou sobre a revolução brasileira num período bastante difícil do Brasil, a Ditadura Militar de 1964, na qual a manifestação do pensamento era cerceada. Neste período, as ideias marxistas e leninistas influenciava bastante a classe estudantil brasileira. Ramos criticou esse marxismo-leninismo, assim como criticou a importação de teorias, pois estas não consideravam as realidades locais. Para Ramos, o Brasil deveria ter um socialismo próprio, ou melhor, "o caminho brasileiro para o socialismo".

Tendo o pensamento social brasileiro tamanha importância, especialmente para pensadores da América Latina, por originar teorias e influenciar mudanças no campo político, principalmente nos anos 1960, por que um intelectual como Alberto Guerreiro Ramos, com uma obra consagrada no cenário internacional e uma trajetória respeitada como professor e teórico não teve o mesmo prestígio e reconhecimento no país de origem que outros de igual potencial? O fato do Brasil ser um país estruturalmente racista possui relação direta com o desprezo por Guerreiro Ramos?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a contribuição de Alberto Guerreiro Ramos ao pensamento social Brasileiro.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os motivos da invisibilidade de Guerreiro Ramos na Sociologia brasileira;
- Mapear as principais obras do autor;
- Compreender a importância de Guerreiro Ramos no cenário internacional.

3 JUSTIFICATIVA

Nas antigas colônias portuguesas, como é o caso do Brasil, foi disseminada a ideia de que não havia racismo. Tal ideia foi combatida por intelectuais dos movimentos negros do Brasil, de países africanos e por muitos pensadores antirracistas. No livro *O Genocídio do Negro no Brasil*, Abdias Nascimento mostra como a própria legislação brasileira era racista e discriminava os negros, o que refletia a sociedade racista da época. O próprio Guerreiro Ramos diz ter sentido na pele o que é ser negro no Brasil, o peso do racismo brasileiro. Falar das contribuições desse autor, professor, intelectual negro, baiano da cidade de Santo Amaro, será muito proveitoso, especialmente pelo fato dele ser um intelectual negro numa sociedade que sempre deu (e ainda) dá pouca visibilidade a autores/as negros/as. Será fundamental dar voz às ideias de Ramos, às suas contribuições para a sociedade brasileira, para a Sociologia e, com isto, dar voz e vez a intelectuais negros do passado e do presente.

O racismo legitimou a escravidão dos povos negros e no Brasil, assim como em outros países da diáspora, era amparado pela lei. O Decreto nº1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não fossem admitidos escravizados, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. Um outro Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só pudessem estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o

acesso pleno dessa população aos bancos escolares (BRASIL, 2004, p. 7, apud BARBOSA, p. 269).

Isto mostra que, a princípio, o negro era tratado como inferior e que, por isto, tinha que viver de modo segregado. No domínio da Sociologia brasileira, o negro foi considerado um problema por ser portador de traços culturais vinculados a culturas africanas. Hoje, continua sendo considerado um problema porque tende a se confundir, pela cultura, com outros segmentos da população brasileira. Neste ponto, é oportuno perguntar: o que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema, ou um assunto? [...]. (BARBOSA, 2006).

O problema do não-ocidental, principalmente negro, ser visto como inferior é bastante preocupante. Ao refletir sobre este problema, Guerreiro Ramos teceu críticas às ciências sociais e buscou meios de quebrar esse paradigma imposto por uma classe que inferiorizava os intelectuais ditos “periféricos”.

É de fundamental importância analisar o que Ramos pensou sobre o racismo brasileiro, especialmente num contexto em que o país não se reconhecia como racista e pensava viver na chamada democracia racial. Por ser um intelectual brasileiro, negro, analisarmos suas vivências nos mostrará um retrato de como se comportava a sociedade brasileira com o negro naquela época.

As ideias de Guerreiro Ramos contribuíram para a formação do pensamento social brasileiro. Com um trabalho vasto, que não apenas evidenciou sua intelectualidade, ele atraiu a ira do governo militar brasileiro e se desentendeu com grandes intelectuais da sua geração, como Gilberto Freyre, Florestan Fernandes e Costa Pinto. Após o rompimento com a visão desenvolvimentista da época (SHIOTA, 2018), com a visão da burguesia da época e por seu compromisso com a sociedade humana, Ramos foi deixado de lado.

A partir do momento contrariou as regras socialmente impostas aos negros, foi visto como militante no campo das ciências sociais, majoritariamente composto por brancos. Considerado um subversivo pela ditadura militar brasileira, teve seus direitos políticos cassados e foi obrigado a morar nos EUA. Apesar da importância de suas contribuições nas ciências sociais, isto não impediu que ele caísse no esquecimento. Como disse o sociólogo Wanderley Guilherme dos Santos:

Alberto Guerreiro Ramos pertence a um grupo sociológico especial – o daqueles intelectuais destinados ao martírio. Intelectuais que se distribuem pela literatura, música, artes plásticas, ciências sociais e têm em comum a total, completa e absoluta falta de respeito pelas convenções que asseguram glória, fama e tédio. São, por isso,

condenados ao ostracismo, à quarentena tácita e, às vezes, no limite, a tormentos pessoais[...] Por exemplo, uma sociedade constituída majoritariamente por negros, discriminados e oprimidos, necessitava, para permanecer idêntica a si própria, de um credo científico que afirmasse justamente o oposto (NOGUEIRA,2016, p. 163).

Guerreiro Ramos foi uns dos pensadores negros brasileiros que criticaram uma sociedade elitizada, injusta e desumana, voltada apenas para os ricos (majoritariamente brancos). Revolucionando a política e fazendo críticas à esquerda brasileira, foi alvo de ataques. O livro *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, lançado em 1957, é o seu primeiro trabalho e, para o próprio Guerreiro Ramos, o mais lúcido, onde aborda criticamente a dependência metodológica da sociologia brasileira e seu descolamento da realidade nacional, que denominou de “sociologia enlatada”, “sociologia consular”. No texto “O Problema do Negro na Sociologia Brasileira” aborda criticamente a questão racial no país e contextualiza, naquele período, as relações raciais no Brasil (ALMEIDA, 2016, p.168).

Guerreiro Ramos foi um dos prejudicados pela violência da Ditadura Militar brasileira de 1964 porque defendia uma política de liberdade e não submissão aos países do Norte global, política de dependência que o Brasil adotava.

As reflexões de Guerreiro sobre o papel político da sociologia, sobre a importância de uma assimilação crítica da teoria e, principalmente, suas considerações críticas sobre os estudos realizados sobre e não desde, junto ou com os negros no Brasil, garantem ao autor não somente uma importância singular no âmbito acadêmico brasileiro, mas também nos permite a leitura de Guerreiro numa perspectiva que de certo modo o aproxima dos autores pós-coloniais – ainda que ele nunca tenha se identificado com essa denominação. Entretanto, Guerreiro foi esquecido, marginalizado, excluído do “panteão dos grandes sociólogos brasileiros”.(FIGUEREDO, GROSFOGUEL 1, p.37).

Um intelectual que ousou falar em igualdade racial numa década onde a sociedade era eurocêntrica e o negro não passava de um instrumento do capital, de “mercadoria” ou mão-de-obra barata. Considerado como o pai da sociologia crítica brasileira, Guerreiro Ramos influenciou outros sociólogos a também buscarem soluções para que a sociedade fosse efetivamente justa e igualitária. Várias/os intelectuais negras/os vêm demonstrando o quanto a sociedade brasileira é racista e condiciona as pessoas negras a ocuparem os espaços menos prestigiados. Exemplos como o de Guerreiro Ramos, um intelectual negro e engajado na luta contra o racismo, serve de inspiração para a busca pela mudança.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O exame do modo como o racismo brasileiro se construiu ao longo do tempo nos permite compreender a invisibilidade de Guerreiro Ramos. No período colonial, mesmo que houvesse negros libertos, as condições de vida não eram iguais às dos brancos. Liberdade não era sinônimo de igualdade, principalmente no quesito educação, pois os direitos relativos aos cidadãos não eram garantidos aos negros, como nos mostra essa declaração do ano de 1872:

As instituições existem, mas por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: “consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação”; mas – “consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%”. A opinião pública é uma metáfora sem base; há só a opinião dos 30%. Um deputado que disser na Câmara: “Sr. Presidente, falo deste modo porque os 30% nos ouvem...” dirá uma coisa extremamente sensata. (PINTO, 2014, p. 9)

Havia um lugar pré-estabelecido para os 70%, em sua maioria negros, na sociedade brasileira. Fugir dessa regra não era fácil, como nos mostra esse diálogo:

– Desaforo! – Dizia. – Negro não pode ser doutor. Há tantas profissões apropriadas: cozinheiro, cocheiro, sapateiro... Nos dois anos do curso de [Direito] Civil, levou o canto chorado um estudante de nome Fogaça, mulato feio e maltrapilho, pois o descuido na toilette era também, para o conselheiro Cabral, caso de força! Às vezes, estando presente o Fogaça, o Cabral nem olhava para o lado dele, mas perguntava ao bedel: – Senhor Mendonça, já marcou ponto no negro? – Mas, Sr. Conselheiro, protestava respeitosamente o Fogaça, eu estou presente!... – Quer o negro esteja ausente, quer o negro esteja presente, marque ponto no negro! (Ibidem, p.46).

O trecho acima nos mostra um pouco do racismo enfrentado pelos negros quando buscavam uma ascensão profissional, social, quando buscavam educação escolar. O racismo da sociedade brasileira era tamanho que mesmo os negros libertos eram considerados por muitos como ainda escravizados. Mesmo com o fim da escravidão, as posições de poder não foram ocupadas igualmente por negros e brancos. Era sobre esta estrutura que se firmava a sociedade brasileira da época em que Ramos viveu. Isso nos instiga a compreender como ele lidou com este fenômeno e quais foram os resultados e saídas encontradas por ele no enfrentamento do racismo na sociedade brasileira.

Num país em que 54% da população é negra, seria de se esperar que os espaços de poder, de prestígio, sejam ocupados pela mesma porcentagem de negros ou algo perto disso,

mas, na prática, há uma distribuição desproporcional quando se trata de riqueza econômica, formação educacional, cargos de chefia. O mito da democracia racial no Brasil é uma forma de silenciar a discussão racial do país. Se há democracia racial não seria necessário discutir o racismo. A regra do silenciamento vem ocorrendo há muito tempo e afasta a população negra dos espaços de poder e da produção de discurso em várias áreas, como a ciência e a literatura (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 87).

Os livros formam ou, pelo menos, contribuem para formar opinião, mas quem são os escritores mais conhecidos na sociedade brasileira? Quem são os que têm mais espaço nas editoras? Os negros quase nunca tiveram voz e apenas recentemente o número de obras produzidas por pessoas negras passou a ter certo destaque no mercado editorial. Com tão pouco espaço, não é difícil imaginar o porquê autores negros/os não são tão conhecidas/os na sociedade brasileira. A falta de igualdade de oportunidades para autoras/es negras/os leva à pouca variedade de narrativas, de pensamentos, e produz a hegemonia branca na literatura. Várias/os autoras/es vêm demonstrando o quanto a sociedade brasileira é racista e condiciona as pessoas negras a ocuparem os espaços menos prestigiados. Exemplos como o de Guerreiro Ramos, um intelectual negro e engajado na luta contra o racismo, serve de inspiração para a busca pela mudança.

Essa invisibilização dos negros também acontece no campo da produção intelectual. É bastante comum citarmos em nossos trabalhos vários autores, teóricos, mas, quantos deles são negros? Refletindo sobre essa questão, Figueiredo e Grosfoguel (2019, p. 36) a denominam de “política do esquecimento”, uma vez que

Consciente ou inconscientemente, raramente os autores negros estão nas bibliografias dos cursos ministrados nas universidades. Consequentemente, poucas vezes temos tido a oportunidade de conhecer a contribuição desses autores, refletindo, inclusive, não apenas sobre o conteúdo de seus trabalhos, mas sobre o contexto político-intelectual em que foram produzidos.

Esse racismo que acometem os intelectuais negros, também acometem os professores de universidades brasileiras, nas quais a presença de professores negros, com algumas exceções nos últimos anos, é ínfima. Figueiredo e Grosfoguel (op. cit.) argumentam que há vários fatores envolvidos: a geopolítica do conhecimento, que tem levado à desconsideração da produção de intelectuais negros/as do sul global, a forma como a cultura acadêmica funciona e o isolamento dos/as negros/as que são ativistas.

Essa geopolítica do conhecimento faz com que quem ocupe os espaços de conhecimento seja quase sempre o branco. Isto acaba gerando desigualdades nas ocupações dos espaços e, por sua vez, um ativismo do intelectual negro. O que é esta reação, senão uma reação diante do racismo? Sendo o racismo na sociedade brasileira, um racismo estrutural, ele vai se manifestar em todos os espaços, o que inclui a universidade e o campo de estudos em que as realidades dos negros são objeto de estudo.

O campo de estudos conhecidos como “estudos das relações raciais” no Brasil constitui o objeto de conhecimento historicamente produzido por acadêmicos brancos cuja epistemologia baseia-se no estudo sobre negros, por isso mesmo, a noção de estudos sobre as “relações raciais” mantém o mito de uma horizontalidade entre os grupos racialmente diferenciados. Julgamos ser mais adequado falarmos de “hierarquias raciais” já que enfatizaríamos a verticalidade das relações sobre a suposta horizontalidade expressa na definição “estudos das relações raciais (FIGUEIREDO & GROSFOGUEL, op. cit, p. 36).

Em anos anteriores, Guerreiro Ramos já havia se referido a questão do negro no Brasil, mas não foi aceito na época, pois era mais comum, ou melhor, era a regra que os negros fossem estudados pelos brancos. Como falamos no início: Dificilmente citamos intelectuais negros em nossos trabalhos acadêmicos, como citar o que não conhecemos? E por que não os conhecemos? A própria universidade se omite, pois os seus currículos tendem a excluir produções de intelectuais negros.

Com isso, percebemos a importância do engajamento do negro nas questões que dizem respeito a sua valorização. Não há espaço para conformismo, mas é momento de união entre os negros para que se vença as desigualdades entre as “raças”, para que os currículos universitários abarquem a questão do negro, seus problemas de acesso a educação, moradia, renda, a luta contra o racismo. Como enfatizado por Ramos, há que se procurar saídas para os problemas do dia a dia dos negros no Brasil.

5 METODOLOGIA

Para o alcance do objetivos do projeto, realizarei uma pesquisa bibliográfica, “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, e documental, que “vale-se de materiais que não reeberam ainda um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, Letramento, 2018.

BARBOSA, Maria Rita de Jesus. **A influência das teorias raciais na sociedade brasileira e a materialização da Lei n 10.639/03.** Universidade Federal de Uberlândia UFU, Uberlândia MG

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf> Acesso em: 23 de Março de 2021

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Disponível em: <file:///C:/Users/eduar/Downloads/Dialnet-EntreSilenciosEEstereotipos-4846142.pdf> Acesso em: 13 de Março de 2021.

FIGUEIREDO, Angela; GROFOGUEL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. **Ciência e Cultura**, v.59, n. 2, São Paulo, Abr./Jun, 2007, disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200016Acesso Acesso em 23 de Março de 2021.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar projetos de pesquisa. São Paulo EDITORA ATLAS S.A. 2002. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf Acesso em: 28 de Março de 2021.

NOGUEIRA, João Carlos. **O Mito da Revolução, Guerreiro Ramos e o Golpe de 1964.** Florianópolis, v. I, jun 2016, Ed. Ilha.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX.** 2014. 326 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281270>. Acesso em: 16 de Março de 2021.

SHIOTA, Ricardo Ramos. O livro proibido de Guerreiro Ramos. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, nº 2, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v18n2/1679-3951-cebape-18-02-424.pdf> Acesso em: 13 de Março de 2021

SHIOTA, Ricardo Ramos. Guerreiro Ramos e a questão racial no Brasil. Disponível em: [file:///C:/Users/eduar/Downloads/11417-Texto%20do%20artigo-19964-2-10-20200302%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/eduar/Downloads/11417-Texto%20do%20artigo-19964-2-10-20200302%20(1).pdf) Acesso em 13 de Março de 2021.